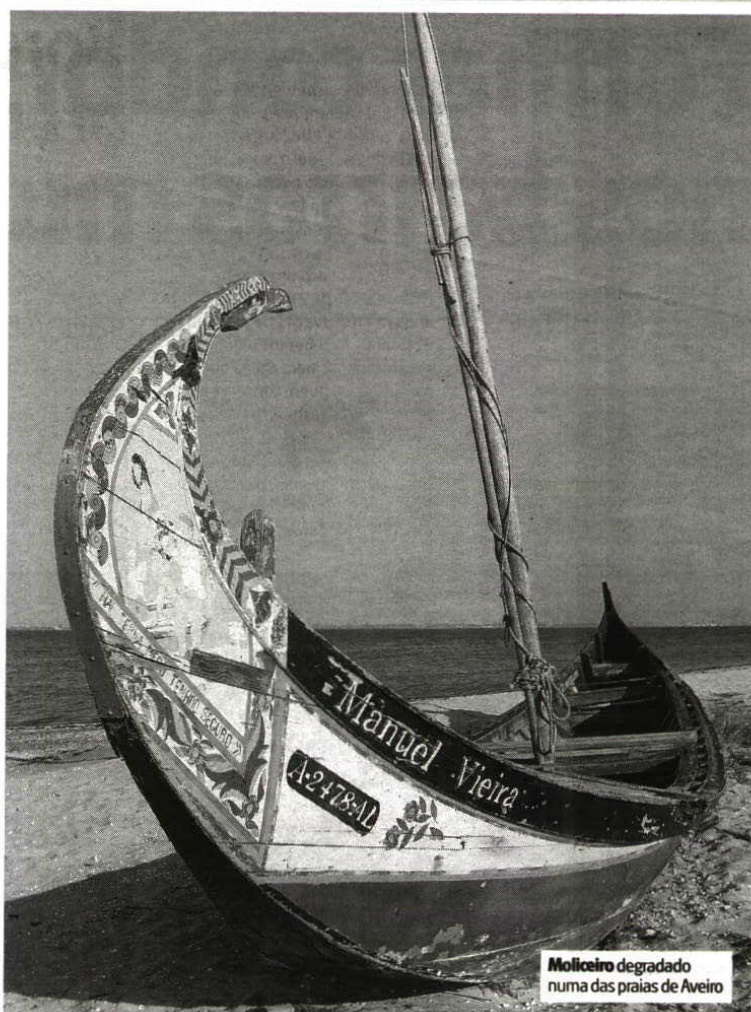


Regata juntou, ontem, na ria de Aveiro, 13 embarcações



Moliceiro degradado numa das praias de Aveiro

Derradeiros moliceiros correm para não morrer

Aveiro Regata juntou centenas de espectadores. Tradição está em risco

— ZULAY COSTA
— actualidade@jn.pt

A regata de moliceiros juntou, ontem, os últimos sobreviventes das típicas embarcações aveirenses. Associação AMIRIA pede protecção e alerta para redução drástica de número de barcos, aproveitados pelo sector turístico para passear turistas.

O moliceiro "Doroteia Verónica", propriedade de Gonçalo Vieira, foi o vencedor da regata de moliceiros da ria de Aveiro, que ontem levou 13 embarcações a cruzar as águas entre o porto de abrigo da Torreira e a cidade de Aveiro. Demorou quatro horas e meia devido à falta de vento, um contratempo que fez desesperar mestres e centenas de espectadores que acompanharam a partida e a chegada.

Os moliceiros que aceitaram o desafio da Associação dos Amigos da Ria e do Barco Moliceiro (AMIRIA) para esta prova são dos últimos sobreviventes destas embarcações típicas da ria. Apesar do incremento do sector turístico, o número de moliceiros tem vindo a decair de forma preocupante. Manuel Augusto Oliveira, presidente da AMIRIA, afiança que, "em 1972, estavam registados na capitania do Porto de Aveiro cerca de 1000 moliceiros".

Hoje, "há entre duas a três dezenas em bom estado e a funcionar". As embarcações, que antigamente recolhiam molicho da ria para adubar campos, sobretudo entre Mira e Murtoza, emprestando colorido às águas, estão "para-das a apodrecer" e carecem de

"protecção pelo seu interesse histórico e cultural", diz.

Em Aveiro, o aproveitamento turístico já começou. Actualmente, há quatro empresas a operar na cidade, proporcionando passeios de moliceiro aos turistas, maioritariamente portugueses e espanhóis.

A oferta inclui viagens de 45 minutos que percorrem quatro canais urbanos da ria. Algumas empresas adicionam viagens até S. Jacinto e Torreira, passeios nocturnos para casais ou complementados com ovos-moles e espumante a bordo.

Porém, as pontes baixas nos canais urbanos da cidade levaram os operadores a incluir motores, tirar mastros e cortar as bicas das proas, provocando coros de pro-

testo pela descaracterização das embarcações.

O presidente da AMIRIA, que admite que o incremento da actividade turística na cidade de Aveiro tem impedido que "os moliceiros desapareçam ainda mais depressa", pede, por isso, cuidado para não "descaracterizar um dos principais símbolos da região" e "mais ajuda das autoridades para a sua preservação".

Moliceiro a património

O vereador da autarquia aveirense Miguel Fernandes desmente o "boato" de que a Câmara equacione elevar as duas pontes junto ao Centro Comercial Fórum, as tais que, por serem muito baixas, levaram os operadores turísticos a cortar a crista dos moliceiros. "É dispendioso e complexo do ponto de vista técnico. Há soluções mais viáveis, como a remoção e reposição das bicas das proas - há mais de 100 anos que esta prática existe em Aveiro, com recurso a dobradiças - ou o nivelamento do nível das águas através das comportas", explica.

Mas garante a defesa do património e adianta que a Câmara "quer avançar este ano com o processo de classificação do moliceiro como património municipal, no âmbito da regulamentação dos canais urbanos da ria". ■

Zoom aos barcos

O QUE SÃO

Embarcações típicas da ria de Aveiro, eram usadas antigamente para a apanha do molicho (plantas aquáticas que serviam para adubar os campos agrícolas) e transportar mercadorias. Medem cerca de 15 metros.

AS PINTURAS

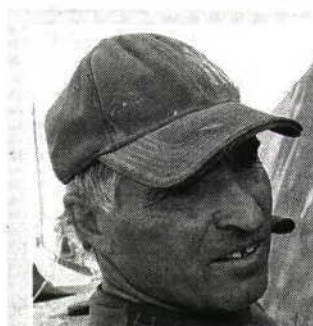
Os motivos humorísticos, brejeiros ou religiosos pintados com cores fortes nas proas são exclusivos dos moliceiros e distinguem-nos de outras embarcações típicas.

TURISMO

Quatro empresas turísticas promovem passeios nos canais urbanos da cidade e região. Há 12 barcos no total.



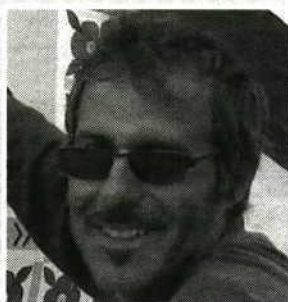
TRÊS RESISTENTES



JOSÉ RITO
55 ANOS
PESCADOR

No estaleiro à beira-ria, em Monte Branco, Murtosa, José Rito gasta o tempo que lhe sobeja entre pescarias a construir e arranjar moliceiros. Um saber que,

lamenta, se vai perdendo no tempo. "Já somos poucos a saber fazer esta arte". De 55 anos, pele queimada pelo sol e mãos ásperas, vai afagando o casco sob o olhar do neto de 11 anos, José Pedro, a quem ensinou a bolinar. "Um barco novo custa 15 mil euros e, em média, os proprietários gastam cerca de 2 mil euros por ano em conservação de madeiras e pinturas. Recebemos alguns subsídios, mas nem chega para a manutenção. Quem conserva os barcos é pelo gosto. A maioria fica a apodrecer", conta. No último ano reparou dois moliceiros e construiu apenas um, o seu "José Rito", que pretende vender para transportar turistas.



JOSÉ MANUEL OLIVEIRA
42 ANOS
ARTISTA PLÁSTICO

"Não é fácil imaginar a piada e transformá-la em desenhos brejeiros ou evocações religiosas", que enfeitam e tornam únicos os barcos moliceiros. A tarefa cabe

quase em exclusivo a José Manuel Oliveira, o artista plástico de 42 anos, filho e neto de apanhadores de moliço na Murtosa, que prefere pegar no pincel a correr regatas. Um painel custa cerca de 600 euros. 450 euros vão para as 75 horas de mão-de-obra que José Manuel despande à roda de cada embarcação, o resto é para as tintas. "Dá muito trabalho, mas é um espectáculo ver a ria colorida cheia de moliceiros, ao menos quando há eventos", diz, defendendo que deve ser feito um esforço para manter a matriz original dos barcos. "Em alguns lados estão a ser descaracterizados e isso dá uma imagem errada aos turistas".



ANTÓNIO SANTOS
79 ANOS
PESCADOR

Passou a vida inteira entre a apanha do moliço e a pesca. António Santos, "Garete" para os amigos, olha do alto dos seus 79 anos para a ria de Aveiro. Cruzou-a

vezes sem conta em cima de um moliceiro e aceita com tristeza que está diferente: "Comecei com 12 anos e só larguei há uma dúzia de anos. Antes havia centenas de moliceiros na água, a trabalhar. Tínhamos de ter cuidado para não chocar uns aos outros. Eram tempos difíceis, mas bons". É noutro desabafo de saudade que conta que vendeu a última embarcação "boa" que tinha e que gostaria de ter deixado a um neto. "la apodrecer antes dele crescer. Assim, o moliceiro vai para o turismo, em Aveiro". Só entre os seus familiares, na Murtosa, conta quatro moliceiros degradados em terra seca. "Não compensa repará-los, é muito caro".